

BRUNO, Ernani Silva. *Imagens paulistas das velhas fazendas do café.*
 Folha de São Paulo, São Paulo, 11 out. 1979.

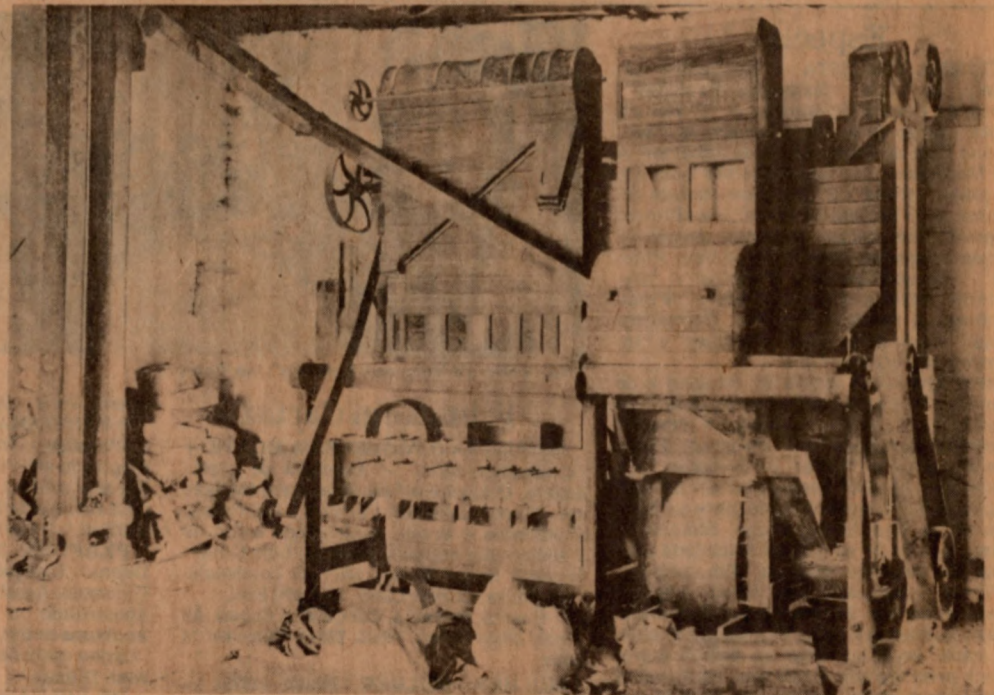
Imagens paulistas das velhas fazendas do café

ERNANI SILVA BRUNO

O Museu da Imagem e do Som franqueia hoje ao público uma exposição intitulada "Fazendas do Cielo do Café", reunindo 105 fotografias — do mais alto nível técnico — focalizando as edificações, os espaços e equipamentos de trabalho e o ambiente domiciliar das fazendas Santa Leopoldina, Vesper, Pereiras, Santa Maria e São Bento, da região Itatiba-Morungaba. As fotos, de Antônio Carlos Bellia, mostram sedes de fazenda e capelas, casas de máquinas, tanques e currais, olarias, tulhas e terreiros. E, dentro das casas, móveis de palhinha, redes e cadeiras de balanço, máquinas de costura, lampiões, o telefone de manivela e até uma radiola. Um documentário, portanto, dos traços culturais e do estilo de morar que a economia cafeeira foi imprimindo a uma paisagem regional do oeste de São Paulo desde o início de sua implantação ali, em meados do século passado, até a grande crise de 1929, ou ainda depois.

Essa mostra sugere alguns comentários sobre as etapas do roteiro das fazendas de café em São Paulo e das nuances regionais de que elas foram se revestindo ao longo do tempo. Seria talvez lícito dizer-se que, dentro da economia cafeeira paulista da segunda metade do século 19, o Vale do Paraíba simbolizava ainda a rotina, o apego profundo ao passado e até mesmo uma certa resistência à substituição das velhas pelas novas máquinas de tratamento do café. Basta verificar, por exemplo, que só em 1878, em uma fazenda importante do Vale, a da Roseira, começavam a ser substituídos — como diz um jornal de Pindamonhangaba, naquele ano — "os obsoletos pilões por máquinas de Lidgerwood para beneficiar o café". O oeste paulista, ao contrário — mais descompromissado com a tradição cafeeira, na mesma época — representava provavelmente o espírito de renovação, a busca de novas técnicas de beneficiamento e até as experiências (então atrevidas) com o trabalho livre de colonos suíços e alemães.

Sérgio Buarque de Holanda, em seu excelente prefácio à tradução do livro de Thomas Davatz, "Memórias de



Fazenda Santa Maria: máquinas de beneficiamento

um Colono no Brasil", observou que foi sobretudo no oeste paulista que o latifúndio cafeeiro começou a tomar caráter próprio, emancipando-se das formas de exploração agrícola "estereotipadas desde a era colonial no modelo clássico do engenho de açúcar". Porque, no Vale do Paraíba — acrescentava — essa emancipação havia sido deficiente, só se impondo quando a lavoura cafeeira já tinha perdido ali sua pujança antiga.

Dai a significação das antigas fazendas cafeeiras da região de Campinas, embora algumas delas tenham sido antes propriedades dedicadas à produção de açúcar e por isso sofrido a reformulação de seus espaços e equipamentos de trabalho. Um interessante álbum, "Velhas Fazendas", editado há mais de 30 anos e reunindo texto de J.E. Teixeira Mendes e aquarelas de José de Castro Mendes, focalizava os traços mais característicos de algumas dessas fazendas campineiras correspondentes ao estágio da cafeicultura baseado ainda no trabalho servil Rio das Pedras, Camanducaia, Santa Genebra, Quilombo, Três Pedras, Sete Quedas, Santa Isabel e outras.

De uma dessas fazendas — a de Santa Genebra — conhecem-se as curiosas

evocações de Amélia Rezen-de Martins, referindo-se entre outras coisas, ao clássico "quadrado" das senzalas, "pequenos quartos em volta de um grande pátio fechado por um portão que se trancava, à noite, com enorme e impressionante chave".

Outra dessas fazendas — a Rio das Pedras — exibía uma casa-grande que constituía exceção ao sistema (dominante nas propriedades rurais) das escuras alcovas em torno de uma sala ampla. Informa José Luis Barbosa de Oliveira, em nota que figura em "Memórias de um Magistrado do Imperio", de Albino José Barbosa de Oliveira que, para dar luz direta, isolamento e ar em profusão a todos os cômodos, a casa era dividida, no sentido longitudinal, por largo corredor, e os quartos distribuídos de ambos os lados, com amplas janelas.

É curioso lembrar que uma dessas fazendas campineiras da época deve ter servido de palco e inspiração para um romance que foi o primeiro em que o ambiente de uma fazenda cafeeira se projetou na literatura de ficção, "Mocidade de Trajano", do Visconde de Taunay, publicado em 1871 e nunca reeditado. Descrevia o autor — que conheceu a região de Campinas de 1865, integrando as tropas que iam participar da Guerra do Paraguai

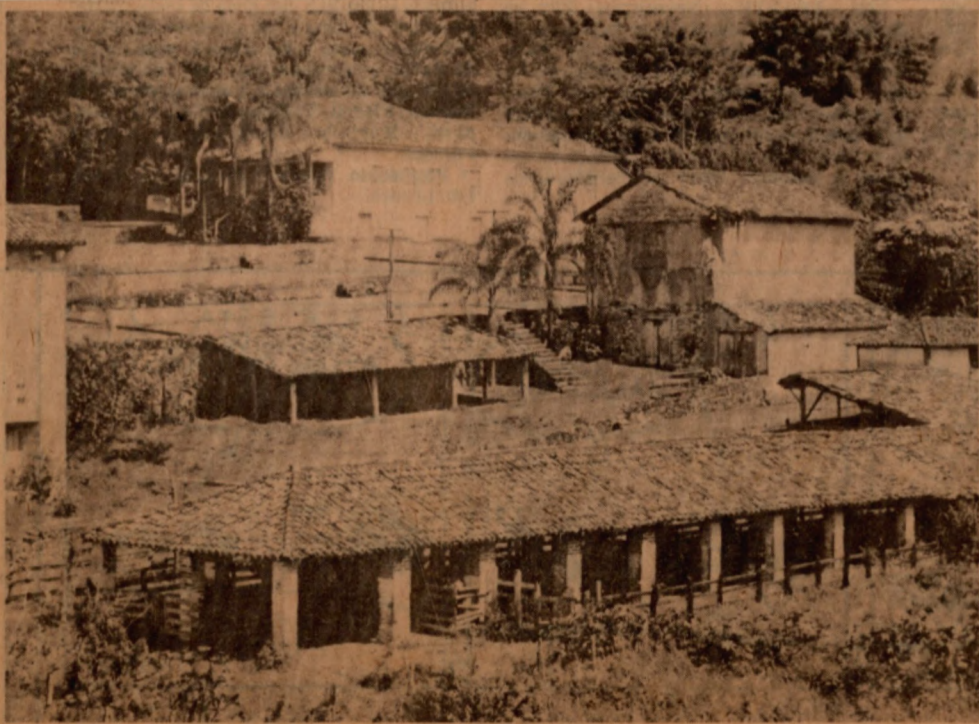
— a casa da fazenda, com larga porta no meio da fachada, ornada de alpendre e que se abria sobre "uma escadaria de sete degraus de mármore branco de Lisboa".

Não teriam por certo o mesmo luxo de instalações e a mesma imponência as sedes de fazendas de café que foram se estabelecendo no oeste paulista a partir de Campinas, que parece ter sido seu centro de expansão. E, de resto, o que constata Wanda Silveira Navarra, autora de recente monografia editada pelo Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, "O uso da terra em Itatiba e Morungaba", que assinala, reportando-se aos aspectos históricos de seu tema, que as fazendas mais antigas da região, embora exibindo casas com entradas nobres, não revelavam, todavia, a imponência das fazendas campineiras da mesma época.

Talvez nas fazendas que em meados do século passado se situavam na periferia da região cafeeira do oeste — como nestas da região Itatiba Morungaba, cujas imagens compõem a exposição mostrada pelo Museu da Imagem e do Som — se encontrem por isso as marcas mais representativas desse mundo fazendeiro que se expandiria depois para várias outras regiões de São Paulo. Fazendas que, com maior liberdade,

Folha de São Paulo

11-10-79



Fazenda São Bento: a sede e outras edificações

escapando à herança dos antigos engenhos, foram se libertando da sombra dos barões e dos cativos, da ostentação senhorial cujas raízes mergulhavam nas soturnas senzalas, de tudo aquilo que simbolizava os padrões econômicos e sociais remanescentes dos tempos coloniais.

Mundo fazendeiro, esse do oeste que, impregnado da rusticidade que era o tributo pago à sua internação cada vez maior nas áreas ainda meio sertanejas ou semi-selvagens de São Paulo, acabaria criando uma nova "aristocracia do café", expressa no coronelismo, base de todo o poder político provincial e nacional, através do "voto de cabresto" que até hoje se dissimula sob outras configurações. Mas mundo fazendeiro que, sem dúvida, na época correspondia a uma mentalidade nova, desprovida do ranço nobiliárquico e por isso capaz de aceitar, por exemplo, tranquilamente, a república e até a abolição.